

**REGULAÇÃO EMOCIONAL DE GENITORAS DE PACIENTES
PEDIÁTRICOS HOSPITALIZADOS: PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE
VOLUNTÁRIAS DE MEDICINA
ODS (3)**

Chiara Secioso Varejão Haddad Collard (Universidade de Taubaté)
Isabelle Oliveira Silva (Universidade de Taubaté)
Maria Helena Ferrari (Universidade de Taubaté)
Paõlla Guimarães Jardim (Universidade de Taubaté)
Larissa Miranda Mörth (Universidade de Taubaté)
David Augusto Solano Mallorquin Carlos (Universidade Federal do ABC)
Kennedy Jurandy Barros da Silva (Faculdade de Medicina da Universidade
de São Paulo)
Thaís Tadaki (Universidade Federal do ABC)

Ao início das visitas de acolhimento psicológico à Pediatria do Hospital Universitário de Taubaté – HMUT, os voluntários do Foco na Mente foram expostos a demandas sociopsicoemocionais multiformes das famílias, exigindo ampliação de repertório comportamental e de manejo de situações desafiadoras. Dentre as vivências, destaca-se uma de significativa carga emocional e relevância para as alunas: a primeira escala de um trio de voluntárias. Geralmente, na primeira passagem pelos leitos, os acompanhantes apresentam-se mais “fechados”, cumprimentam apenas, sorrisos de “oi”, mas, conforme passa o tempo, os voluntários perguntam “como é dormir aqui, tá dormindo bem?” ou “você mora aqui mesmo?”, a conversa flui e a “casca” desmancha. Em função disso, os objetivos à época eram criar um espaço de escuta seguro, para a mãe se sentir confortável em se expressar; acolher de forma incondicional o conteúdo trazido, transparecendo uma relação empática, na qual a mãe se sentisse validada; e auxiliá-la a elaborar sua experiência subjetiva de maneira assertiva e funcional. Para tanto, as alunas recorreram aos recursos de: estabelecimento de vínculo interpessoal mediado por experiência comum; contenção afetiva e toque terapêutico; incentivo à descarga afetiva; presença física segura e regulação emocional assistida. Como resultado, uma aluna iniciou a interação verbal estabelecendo rapport através da cidade-natal que ambas compartilhavam e incentivou a liberação emocional com a fala “Tira toda sua tenção nesse abraço”. Após a expressão emocional espontânea da mãe, as voluntárias acompanharam-na até sua estabilização, oferecendo validação e empoderamento. Posteriormente, o grupo mencionou histórico pessoal de dificuldades de acolhimento de expressões emocionais intensas e expressou o quão impactante foi, pela primeira vez, sentir-se o “porto-seguro” de outrem. Uma acadêmica relatou: “A mãe estava abalada, e, como

de costume, com a ‘casca’ de primeira, mas chegamos, cumprimentamos, e com um “você é daqui mesmo? Está revezando com alguém?”, ela se abriu e nos contou a perspectiva de quem está do outro lado e as dores de uma mãe que perdeu um filho, e até de certa culpa que estava sentindo, e nós a acolhemos. No final da visita, vimos sorrisos sinceros e de alívio pela conversa, ela precisava ser ouvida, e foi isso que fizemos. A cada dia me encanto mais com cada ação”. Outra voluntária expressou: “Durante nosso acompanhamento com ela, buscamos um primeiro momento de amparo, pronunciando palavras de apoio, falando sobre sua religião e conversando sobre Deus para tranquilizá-la. Após, buscamos diversos assuntos para que pudesse se distrair. Rimos muito, trocamos diversas histórias e experiências de vida. Após essa visita, tive a convicção da importância em dar atenção àqueles que precisam e como uma conversa, tantas vezes vista como simples ou cotidiana, pode transformar o dia de alguém e se tornar um incentivo para acreditar que tudo irá melhorar”. Assim, a cada visita, o projeto se mostra importante, acolhedor e necessário para ouvir e proporcionar acalento a quem está preocupado com os pequenos pacientes. O que fica evidente na estranheza que as mães têm ao perceberem que também há pessoas interessadas em seu bem-estar – são vistas para além dos filhos.

Palavras-chave: Regulação emocional; Internação pediátrica; Vínculo terapêutico; Acolhimento psicoemocional; Saúde mental materna.